

## REDAÇÃO: OS BENEFÍCIOS E AS DIFICULDADES EM PRODUZI-LA

Ciro Carlos Antunes<sup>1</sup>

Andrezina Gomes de Oliveira Botelho<sup>2</sup>

Maria de Lourdes Rodrigues Vieira Sousa<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo faz uma abordagem da aprendizagem dos alunos do 7º ano de escolaridade do Ensino Fundamental com a finalidade de discutir sobre os benefícios e malefícios de não saber produzir um texto dissertativo. Nesse sentido, sabe-se que tanto a escrita quanto a leitura é aprendida por meio da gramática e a sintaxe. O método foi o de revisão de literatura e entrevista e conversação com os alunos do 7º ano de escolaridade de uma Escola X de Unaí, em Minas Gerais. As decorrências alcançadas dos exames apontam que: o encadeamento dissertativo hierarquizado é, ao mesmo tempo, recorrente no ensino dos textos em sala de aula pelo professor de língua portuguesa. A tipologia argumentativa faz progressão semântica por tematização, mas ainda há uma confusão entre o que é para ser escrito e a sequência textual solicitada pelo professor.

**Palavra-chave:** Redação; Dificuldades em leitura e escrita; Conectivos textuais.

**ABSTRACT:** This article approaches the learning of 7th grade students in elementary school in order to discuss the benefits and harms of not knowing how to produce a dissertation text. In this sense, it is known that both writing and reading are learned through grammar and syntax. The method was the literature review and interview and conversation with the students of the 7th year of schooling of a School X of Unaí, in Minas Gerais. The obtained results of the exams show that: the hierarchical dissertation chain is, at the same time, recurrent in the teaching of texts in the classroom by the Portuguese language teacher. The argumentative typology makes semantic progression by theme, but there is still a confusion between what is to be written and the textual sequence requested by the teacher.

**KEYWORD:** Writing; Difficulties in reading and writing; Textual connectives.

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Pós-graduado em: Mídias na Educação pela UNIMONTES e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor de Educação Superior pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: c.albuquerque@bol.com.br.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso Letras – Português da Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES), Campus de Unaí, em Minas Gerais. E-mail: andrezinagomes.oliveira9@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso Letras – Português da Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES), Campus de Unaí, em Minas Gerais. E-mail: mariadelourdes-rvs@hotmail.com.

O presente artigo faz uma abordagem dos benefícios e das dificuldades que os alunos tem em produzir redação em uma turma do 7º ano de escolaridade do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Unaí, em Minas Gerais (MG).

Segundo Brasil (2000, p. 18):

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico.

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos.

Nesse sentido, sabe-se que os desafios são inúmeros para a produção dessa sequência textual em sala de aula, mas, se por um lado, há benefícios por outro há os malefícios. Veja-se alguns deles: a redação se aprende com a prática de texto. Atualmente, os professores e os alunos têm-se empenhado a apreenderem e ensinar essa sequência textual. E o seu ensino tem sido de tal importância em sala de aula para o ensino de redação dissertativa para que o estudante se prepara para realizar a questão discursiva argumentativa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Designa-se de redação ao método em que se faz um arcabouço de um discurso escrito. Entende-se que a composição é uma arte, porém, ao mesmo tempo, é uma prática, à medida que é usada para afiançar que o teor apresente um adequado grau de coerência.

Nesse sentido, a produção de texto deve levar em conta: escutar os alunos; contratar aulas expositivas e práticas; ler é preciso; motivar a pesquisa; suscitar nos alunos a ponderar sobre o nível, idade do receptor ou destinatário.

Nogueira (1956, p. 226) afirma que:

A LEITURA - Começaremos por dizer que a leitura é o mais generalizado e mais atraente dos divertimentos. Os gostos podem variar na escolha dos diferentes gêneros de distração, mas todos, uniformemente, amam a leitura, não só pelo valor que ela encerra em si mesma, mas também pela sua comodidade. Ela é acessível: nada exige, além da disposição momentânea.

Segundo o autor a leitura é a companheira de todas as horas ela é associada ao gosto individual. Dir-se-ia, portanto, cada um busca o gênero que mais lhe deleita: poesia, poema, contos, romance, novela, narrativas de viagens, crítica, jornais, manchete, reportagem, notícia, relato de experiência e autobiografia. Sabe-se que em cada leitor o gosto pela leitura varia, como os demais. Na infância, encontra-se prazer nos assuntos fantásticos: histórias de gênios, fadas, gigantes e desenhos inanimados; em seguida, na adolescência os livros de aventuras extraordinárias, como os de Carlos Magno; Helena, de Troia, Julio Verne, por exemplos. Finalmente, vêm os livros de tese e de estudo em áreas específicas, tais como: artigos, resenhas e resumos.

Nesse sentido, as aulas de redação promove uma ligação externa e interna onde o aluno vivencia vários aspectos textuais para obter uma compreensão, visto os dados expostos chegou-se ao seguinte problema, como solucionar a problemática que é a dificuldade da leitura. Desse modo, Almeida (2009, p. 11) corrobora ao afirmar que: “Há uma certeza na escola: a de que o maior problema na educação hoje é justamente a dificuldade ou as dificuldades, em relação à leitura [...]”.

Nesse sentido, pondera-se que os alunos tem uma capacidade de mudança inquestionáveis, porque, abundantemente, ao mesmo tempo de estarem apropriados ao ato de ler, na acepção consagrada da palavra os alunos as tentam decodificar os processos, as técnicas de escrita de uma redação dissertativa argumentativa.

Silveira (2012) insere que ao ampliar o conhecimento no meio grafocêntrico oportuniza ao aluno as habilidades leitoras e competências linguísticas da escrita, porque a cada sequência: narrativa, descritiva, dissertativa, injuntiva ou preditiva dando habilidade de escrever com o domínio de linguagem no nível sociocultural como leitor para ampliar seu vocabulário no novo ambiente leitoral.

Este artigo se fixar-se na linha de pesquisa Texto e Discurso nas modalidades oral e escrita, em Língua Portuguesa. Tem-se em vista a contribuição de reflexões para professores e alunos na condição de preparo para prestar o

ENEM, com decorrências que oferecem nortes de importância da produção de textos dissertativos. Por esses princípios, destaca-se as sequências textuais e suas incrustações no plano textual dos documentos considerados exemplo pela comissão corretora do ENEM; o texto dissertativo em sua tessitura faz referência a outros conhecimentos de outras teorias da mesma temática.

Nesse sentido, segundo Fuza e Menegassi (2007, p. 01) existe uma grande dificuldade dos alunos quando o assunto é elaborar textos e elencar ideias “embora a escrita seja algo de extrema importância, no contexto atual, o que se tem nas escolas é o fracasso e a dificuldade dos alunos para a elaboração de textos e para a exposição de ideias através da língua escrita.”.

Desse modo, para Brasil (1998, p. 69-70)

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Segundo Aguiar (1996, s/p.):

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos, comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticos (como narrativas, poemas).

Para os autores supracitados a leitura constitui-se em uma prática social do aluno em seu contexto de registro. Nesse sentido, faz-se necessário: desenvolver a competência linguística de modo a formar bons leitores e produtores de textos (orais e escritos), considerando o contexto de comunicação. Por outro viés, fazer uso de diferentes tipos de registros adequando-os as circunstâncias do cotidiano; utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, identificando os aspectos relevantes, organizando notas, elaborando roteiros, textos, resumos; e, valorizar a

leitura como meio de acesso e informação levando a compreensão das sequencias textuais.

O método utilizado foi o de revisão de literatura e conversação com os alunos do 7º ano de escolaridade de uma Escola X de Unaí, em Minas Gerais. Esta pesquisa descreve a importância da leitura em sala de aula para sanar as dificuldades de escrita e produção de texto.

Segundo Tersariol (s/d., p. 17):

Escrever é dar sequencia ao nosso aprendizado, levando em consideração as nossas condições vivenciais, a nossa própria capacidade. É claro que um trabalho redacional não é limitado; ele sofre restrições de várias ordens. O entendimento é primordial, da parte do emissor e do receptor.

Entre as propriedades de um texto dissertativo argumentativo encontrar-se: a clareza; a concisão e a exatidão, para não driblar o leitor. Diferentes predicados, extremamente, são contempladas no encadeamento lógico de aspecto de ocorrências e razão que rege à dedução ou indução de uma temática. Nesse sentido, a argumentação sabatina um fato ou nega-o por falta de provas concretas por meio da ideia exposta sobre um tema.

Basta observar que os argumentos, à medida que se constitui assevera a sequência de leitura e a elegância de um bom texto, com atenção de aproximar a concentração do leitor e mesmo extasiar-se. Nesse sentido, um percurso para elaborar textos com as propriedades aludidas é o próprio autor revê-lo em diferentes momentos. Uma outra medida que se configura é convidar uma outra pessoa para a revisão adicional que seja adequada para a correção de textos.

No entanto, o aluno precisa saber que o texto argumentativo de desenvolve com as ideias incrustadas umas a outra a partir da argumentação-conclusão. Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental para o ensino dessa modalidade de texto e o aluno seja o receptor-sujeito da linguagem para melhorar expressar suas ideias às luzes da técnica dissertativa.

Segundo Brasil (1998, p. 70):

Nessa condição, o professor deve preocupar-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos: não se lê uma notícia da mesma forma que se consulta um dicionário; não se lê um romance da mesma forma que se estuda. Boa parte dos materiais didáticos disponíveis no mercado, ainda que venham incluindo textos de diversos gêneros, ignoram a diversidade e submetem todos os textos a um tratamento uniforme.

O professor é o principal mediador dos futuros leitores, portanto a escola é responsável para elaborar estratégias significativas para ocorrer uma formação consciente no processo de aprendizagem. Para tanto como o processo de transformação, o professor como mediador deverá explicar aos alunos como se lê para realização da produção de texto, exercícios de maneira criativa com diferentes gêneros textuais.

Segundo Brasil (1998, p. 75-76)

Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer. Ao escrever profissionalmente, raras vezes o autor realiza tais tarefas sozinho. Tão logo tenha colocado no papel o que tem a dizer a seus potenciais leitores, verá seu texto, ainda em versão preliminar, ser submetido a uma série de profissionais: a leitores críticos, que analisarão relevância e adequação; a preparadores de originais, que promoverão eventuais ajustes na redação; a revisores, que farão uma varredura nos originais para localizar e corrigir possíveis deslizos no uso da norma; a coordenadores editoriais, que planejarão a composição final que o texto terá ao ser impresso.

Para os teóricos Rangel & Machado (2012, p. 02) a escrita e a leitura são conquistas obtidas no espaço escolar:

A escrita e a leitura bem feitas no sentido de levar a compreensão do escritor e do leitor configuram-se como grandes conquistas a serem realizadas também no espaço escolar, visto que esse é um espaço de conhecimento formal e sistematizado. De certo modo, essa sistematização deveria contribuir para que os alunos e os professores, eles mesmos, pudessem se apropriar do código linguístico, escrito e oral com excelência. Entretanto, isso nem sempre acontece, pois há vários índices de pesquisas implementadas pelos governos federal, estadual e municipal que constataam as dificuldades dos alunos quando inquiridos de forma oral e de forma escrita: - há dificuldades não só no que se refere à compreensão e interpretação de textos, como também na comunicação de seus pensamentos, posições, saberes e desejos.

Geraldi (1993, s/p) corrobora com os autores supracitados ao afirmar que o ato de escrever:

Propõe existir duas concepções distintas de escrita: uma determina que se escreva “para a escola”, pois o aluno produz uma redação, para o professor ler e atribuir nota, sem demonstrar o seu ponto de vista e outra denominada “na escola”, responsável pela produção de texto, na qual o aluno atribui-lhe o seu ponto de vista, que pode contribuir na construção de novas produções ou até mesmo no trabalho da reescrita.

Nesse sentido, escrever textos coerentes e coesos é preciso observar as ressalvas conferidas pelo gênero. Dentro da pesquisa feita foram detectados que os alunos tinham dificuldades em elaborar textos da redação por falta de ler e escrever, porque esses alunos buscam mais utilizarem a tecnologia para fazer o uso da escrita, por exemplo, *mensagem* e *watsapp*. Consequentemente, o hábito de escrever correto está cada vez mais distante da realidade dos alunos fora da escola quando fazem uso de algum recurso tecnológico.

A maneira estar amarrado de se ter ciência a respeito tanto do dito, como do escrito por meio da leitura – e da reflexão que se faz dela, mediante a eleição do gêneros e sequencias textuais do discurso que se usa na escola. Para ter clareza, Brasil (2000, p. 22) define que:

A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua.

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa na escola é garantir o uso da língua em suas variedades; “compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano” (BRASIL, 2000, p. 22), ainda que, na vicissitude comunicativa, exista progressos e atrasos favoráveis aos jeitos de fazer uso da linguagem; finalmente, possibilitar meios em que faça o aluno a inferir ou abarcar em si mesmo, como um texto é incrustado em outros textos.

Para a produção de um texto nessa sequência é preciso que o escritor tenha conhecimento de texto: literários, de gramática e da produção do texto escrito. Nesse sentido, todo assunto ou tema tem seu ambiente de estudo, à medida que colabora para a *performance* das capacidades em tese.

Desse modo, pode-se concluir que o ponto de vista acerca de um texto entre outras sequências textuais será composto de ideias, citações diretas e indiretas, tradução de outros textos. Por meio da escrita, objetiva-se o ato comunicacional entre as configurações de refletir, atuar e conhecer a penúria de envolver a linguagem de que maneira “parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna” (BRASIL, 2000, p. 23).

## Referências

BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares do ensino médio**: MEC/SEF, 2000.

CHIAPPINI, L. (coord. geral) e GERALDI, J. W. (coord.). Aprender e ensinar com textos dos alunos. São Paulo: Cortez, 1997.

Artigo. Práticas Pedagógicas que estimulam a leitura. Adriana Regina Feltrin Rauen. Fuza. Ângela Francine & Menegassi, Renilson José. A escrita na sala de aula do ensino fundamental.

Rangel, Mary & Machado, Jane do Carmo. O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. 6ª ed. São Paulo. Ática, 1995.



ARAÚJO, Miriam Dantas de. Do hábito de ler à leitura como significado: Qual a diferença? IN:SIMINÁRIO EDUCAÇÃO E LEITURA, anais... Natal: UERN. 1996.

NOGUEIRA, Julio. **A linguagem usual e a composição**. 9º ed. Aumentada e atualizada. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, S.A., 1956.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais.

SILVEIRA, R. C. P. *Textos do discurso científico: pesquisa, revisão e ensaio*. São Paulo: Terracota, 2012.